



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Posturas éticas, equilíbrio de fontes e humanização nas reportagens do Jornalismo Independente do Nordeste¹

Renata Sousa ALVES²

Prof. Dr. Alexandre Zarate MACIEL³

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz (MA)

RESUMO

Este artigo busca analisar como as mídias independentes na região Nordeste do Brasil abordam temas sociais e direitos humanos, com ênfase na ética jornalística e na humanização das narrativas. Compõe a pesquisa geral “Reportagem de fôlego social no Jornalismo Independente do Nordeste”, conduzida pelo Grupo de Pesquisa Jornalismo de Fôlego, do curso de Jornalismo da UFMA de Imperatriz (MA). O foco é examinar a abordagem dessas mídias em relação à diversidade de fontes, à apresentação equilibrada, ao respeito pelas experiências dos sujeitos das reportagens e à profundidade dessas narrativas. Os resultados obtidos evidenciam que o jornalismo independente no Nordeste se destaca por suas práticas éticas e pelo compromisso com uma cobertura mais equilibrada e sensível, crucial para superar a superficialidade e a falta de profundidade.

Palavras-chave: jornalismo independente; humanização; fontes jornalísticas; equilíbrio de vozes.

1 Introdução

Vinculado ao projeto de pesquisa "Reportagem de Fôlego Social no jornalismo independente do Nordeste", este artigo teve como objetivo analisar, a partir de um olhar quantitativo, a configuração do equilíbrio de fontes e a humanização das narrativas, com base nas posturas éticas dos jornalistas que atuam em veículos não vinculados à mídia

¹Trabalho apresentado no 18º SIMCOM - 18º Simpósio de Comunicação da Região Tocantina.

²Estudante de graduação no Curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz. Integrante do grupo de Pesquisa Jornalismo de Fôlego, do curso de Jornalismo da UFMA de Imperatriz. E-mail: rs.alves@discente.ufma.br

³Professor doutor do Curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz e orientador do trabalho. Coordenador do grupo Jornalismo de Fôlego da UFMA de Imperatriz. E-mail: alexandre.maciel@ufma.br



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

hegemônica, em oito dos nove estados nordestinos, excluindo a Paraíba, cujos veículos independentes não apresentaram atualizações recentes, inviabilizando sua inclusão. O foco recai sobre aqueles que se mantiveram ativos entre 2022 e 2024, resistindo às inúmeras barreiras que ameaçam a sustentabilidade dessas iniciativas.

No início, a coleta de dados baseou-se no Mapa do Jornalismo Independente, desenvolvido pela Agência Pública. Contudo, a descoberta de uma plataforma específica para o mapeamento do jornalismo independente no Nordeste, a Cajueira, facilitou o processo, permitindo selecionar veículos que abordam direitos humanos especificamente nesta região do Brasil.

Ao analisar a atuação dessas iniciativas, buscamos compreender o papel crucial que desempenham na humanização do jornalismo e na ampliação das vozes das minorias, oferecendo novas perspectivas sobre o jornalismo contemporâneo. Nesse ambiente, mídias independentes, como Agência Tambor (MA), O Pedreirense (MA), Eco Nordeste (CE), O Joio e O Trigo (CE), OCorre Diário (PI), Avoador (BA), Conquista Repórter (BA), Saiba Mais (RN), Coletivo Acauã (PE), Afoitas (PE), Marco Zero (PE), Agência Tatu (AL) e Manguê Jornalismo (SE) emergem como alternativas vitais, buscando não apenas diversificar o cenário midiático, mas também proporcionar uma cobertura mais inclusiva e representativa.

Esses veículos independentes surgem como resposta direta à hegemonia da mídia convencional, que frequentemente reproduz e reforça narrativas que favorecem os grupos hegemônicos e perpetuam a invisibilidade das minorias. A importância de sua atuação é evidente na capacidade de enfrentar e desafiar a concentração de poder midiático, oferecendo um espaço para temas e vozes que, de outra forma, seriam negligenciados. Em um contexto no qual a grande mídia tende a simplificar e espetacularizar eventos, essas mídias independentes têm o potencial de aprofundar a cobertura e trazer uma perspectiva mais humana e rica sobre os assuntos.

2 Atenção ética à humanização



Medina (2007) destaca que a reportagem, como gênero jornalístico, é fundamental para o aprofundamento da informação social, permitindo a apresentação de uma pluralidade de vozes e significados do real. Nesse sentido, as mídias independentes no Nordeste utilizam o gênero para tratar com maior responsabilidade e profundidade as pautas que abordam, promovendo uma cobertura que se distingue pela riqueza de detalhes e pela diversidade de perspectivas. Essa abordagem é essencial para evitar a simplificação das realidades complexas e para garantir que a cobertura não reproduza estereótipos ou preconceitos.

Em seu artigo “Por que humanizar o jornalismo”, o pesquisador Jorge Ijuim (2017) frisa o seu papel social, já que a instituição jornalística media os acontecimentos e ajuda a construir a realidade. Mesmo que de forma “objetiva”, intuitivamente os agentes sociais (jornalistas) estão inseridos em contextos sociais diferentes, sendo atravessados pela política, economia e cultura.

Por isso, para Ijuim (2017) pelo menos três situações o levam a acreditar na necessidade de humanizar o jornalismo a) quando caricaturiza o ser humano; b) quando ignora a complexidade do fenômeno; c) quando não reconhece o Outro. Assim, necessita-se colocar o ser humano como ponto de partida e ponto de chegada na narrativa, para ampliar o olhar, contextualizar e realizar uma reflexão sobre o acontecimento noticiado. O autor enfatiza que “o compromisso social do profissional e a elevação da consciência para um pensamento pós-abissal são fundamentais” (Ijuim, 2017, p. 242).

Contudo, os desafios enfrentados por essas mídias são significativos. Fabiana Moraes (2019) sublinha que, ao empregar uma abordagem subjetiva, o jornalismo deve evitar a exotização e a estigmatização das fontes populares, focando em retratar as realidades com dignidade e respeito. As mídias independentes nordestinas devem, portanto, equilibrar o uso de fontes populares com uma ética rigorosa e uma sensibilidade que reflita a profundidade e a diversidade das realidades e narrativas.

Ademais, a pesquisa pretende iluminar o papel dessas mídias independentes na configuração de um novo panorama comunicativo no Nordeste, contrastando suas práticas com os padrões da grande mídia e analisando como suas iniciativas contribuem



para uma democratização mais efetiva da informação. A investigação se debruçou sobre como esses veículos conseguem superar as barreiras impostas pela hegemonia midiática e qual o impacto de suas práticas no engajamento e conscientização das comunidades que atendem. Dessa forma, a pesquisa busca não apenas entender a eficácia dessas mídias em cumprir suas promessas editoriais, mas também fornecer recomendações para fortalecer e aprimorar suas contribuições ao jornalismo e à sociedade.

Portanto, a relevância desta pesquisa, da qual se apresenta um recorte quantitativo neste artigo, reside na avaliação do impacto dessas mídias independentes na democratização da comunicação e na promoção de uma sociedade mais inclusiva. Verificar se esses veículos conseguem cumprir suas promessas editoriais e tratar suas fontes com a ética e responsabilidade necessárias, é fundamental para compreender sua contribuição ao jornalismo e seu papel na formação de novas narrativas sociais.

3. Metodologia

O método aplicado foi o da Análise Temática (AT), conforme proposto por Braun e Clarke (2006), para organizar e interpretar os dados coletados. O processo seguiu seis etapas essenciais: 1) Familiarização com os dados; 2) Geração de códigos iniciais; 3) Busca de temas; 4) Revisão de temas; 5) Definição e nomeação de temas; e 6) Produção do relatório final. Esse método foi escolhido por sua flexibilidade e capacidade de fornecer uma análise rica e detalhada dos dados qualitativos, o que foi crucial para investigar as narrativas humanizadas nas reportagens das mídias independentes do Nordeste.

A pesquisa começou com o levantamento das 220 mídias listadas no Mapa do Jornalismo Independente, produzido pela Agência Pública, das quais foram filtradas 100 iniciativas nordestinas. A partir dessa triagem inicial, 26 veículos que abordavam reportagens com foco em direitos humanos foram identificados. O processo foi facilitado pela descoberta da plataforma Cajueira, especializada no mapeamento do jornalismo independente no Nordeste, permitindo uma seleção mais precisa das iniciativas, classificadas conforme os formatos de suas produções, como reportagens



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

multimídia, revistas eletrônicas, documentários audiovisuais e podcasts. Após a aplicação de critérios como produção contínua, enfoque em direitos humanos e atividade recente, restaram apenas dois veículos que atenderam a todos os requisitos.

Para superar essa limitação, a pesquisa contou com a colaboração da então professora substituta da UFMA, Marta Alencar, diretora da Coar, que indicou outras 20 mídias independentes fora dos mapeamentos iniciais. Após aplicar os mesmos critérios, foi possível definir 13 iniciativas de mídia independente atuantes nos oito estados nordestinos analisados. A partir desse conjunto, organizou-se um corpus de 43 reportagens, todas produzidas entre janeiro de 2022 e junho de 2024, abordando temas sociais e de direitos humanos.

Com o corpus estabelecido, junto à equipe do grupo Jornalismo de Fôlego, aplicamos a Análise Temática para explorar a estrutura das reportagens e a organização das vozes das fontes, com foco em como os jornalistas dessas mídias independentes garantiram espaço para vozes sub-representadas, utilizando estratégias de humanização discutidas por autores como Ijuim (2012) e Medina (2007). Neste artigo, apresenta-se o recorte do olhar quantitativo sobre a produção dessas mídias.

Com base na metodologia aplicada, realizamos uma análise das mídias independentes no Nordeste, para identificar aquelas que sobreviveram aos desafios de manter uma iniciativa de comunicação jornalística alternativa no Brasil. Este estudo considerou a diversidade e o equilíbrio de fontes em 43 matérias recentes produzidas por 13 veículos de mídia que atuam em oito estados nordestinos, exceto a Paraíba. A seguir, apresentamos, de forma resumida, para este artigo, os dados referentes a cada mídia analisada, destacando as suas abordagens e a composição de suas fontes. O quadro geral, com nome de cada reportagem, seu tema central, mídia e estado que foi publicado, bem como a análise detalhada de cada uma das 43 matérias, encontra-se no drive:

https://drive.google.com/drive/folders/13os_Rtfih7VatvZi3n2ZFqSEhnmI4jyi?usp=sharing.

4. Equilíbrio das fontes na mídia independente do Nordeste



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Focada na cidade de São Luís (MA), a “Agência Tambor”, se considera “uma mídia “[...] contra-hegemônica, associada à justiça social e com diferentes pautas de defesa dos Direitos Humanos”. Essa autodeclaração se confirma, na medida em que 51% das suas fontes são comuns, demonstrando o compromisso e propósito com o princípio da sua criação, que é ampliar a voz dos personagens locais que não possuem espaço na mídia convencional. Sem deixar de trazer o equilíbrio entre as demais fontes, documentais e oficiais, conforme verificado no *corpus* analisado.

Veículo com sede na cidade de Pedreiras (MA), “O Pedreirense” tem como principal temática a denúncia de negligências governamentais que ocorrem em seu território. Entretanto, conforme verificado no *corpus* analisado, embora privilegie as vozes das fontes populares (70%), algo que o diferencia da mídia hegemônica, o fato de apresentar poucas fontes especializadas (20%) e oficiais (10%) prejudica o equilíbrio geral, já que estas poderiam enriquecer as reportagens com dados, análises, além de satisfações e respostas à população afetada do município.

Devido ao cansaço do imobilismo que o jornalismo impõe com suas factualidades, objetivismos e distanciamentos, jovens do interior do Piauí criaram o jornal “Ocorre Diário” em 2018, com uma proposta alternativa de “[...] ter direito de dizer a nossa palavra”, como declaram em seu site, repudiando o formato homogêneo dos veículos convencionais. Com isso, buscaram um jornalismo mais equilibrado, refletido em sua prática de selecionar fontes, no caso das matérias analisadas: 40% são pessoas comuns, 30% especialistas e 30% autoridades oficiais. Esse equilíbrio de fontes não apenas democratiza o acesso à informação, mas também oferece uma perspectiva mais rica e diversificada dos acontecimentos, garantindo que diferentes pontos de vista sejam ouvidos e respeitados, promovendo uma cobertura mais inclusiva e representativa.

Em resposta à crescente necessidade de um jornalismo voltado para o desenvolvimento sustentável, a “Agência Eco Nordeste” foi criada no Ceará para abordar as questões ecológicas, especialmente denúncias ambientais. Diferente dos veículos tradicionais, a Eco Nordeste prioriza fontes menos convencionais segundo



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

verificado no *corpus*: 57,6% são pessoas comuns, 33,3% especialistas e apenas 9,1% fontes oficiais. Esse enfoque humaniza e aproxima a reportagem do leitor, destacando as vivências de quem enfrenta os problemas ambientais. No entanto, o baixo número de fontes oficiais pode limitar a eficácia das denúncias, dificultando o diálogo com autoridades.

Assim como a “Eco Nordeste”, “O Joio e O Trigo” é uma mídia cearense dedicada a questões ambientais. Em nossa pesquisa, observamos que a proporção de suas fontes se mostra equilibrada: 50% pessoas comuns, 25% especialistas e 25% oficiais. Essa diversidade de fontes valoriza as vozes das comunidades afetadas por desastres ambientais e ameaças do agronegócio, proporcionando uma visão abrangente e enriquecendo a cobertura ao aproximar o leitor das realidades enfrentadas. De modo geral, o equilíbrio e a hierarquização das fontes são satisfatórios.

“O Avoador”, projeto de jornalismo digital da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista, aposta em reportagens mais longas e detalhadas, com foco em questões sociais, ambientais e na visibilidade de grupos vulneráveis. Na sua linha editorial, prevalece o compromisso com a ética e a pluralidade de fontes. Dados mostram que 62,5% das suas fontes são pessoas comuns, reforçando a conexão com a comunidade local e a humanização das histórias. No entanto, a baixa presença de especialistas (12,5%) pode limitar a profundidade das reportagens, exigindo um maior equilíbrio para ampliar a análise dos temas abordados.

Já o “Conquista Repórter”, também em Vitória da Conquista (BA), adota uma postura distinta, com 62,5% de suas fontes sendo oficiais, 25% pessoas comuns e 12,5% especialistas. Essa predominância de fontes com privilégio de autoridade tende a reduzir a humanização e a diversidade de perspectivas, muitas vezes associando-se a um viés político. A falta de equilíbrio na hierarquização das fontes pode comprometer a representatividade e a amplitude das questões abordadas, afastando-se da proposta inicial de ser um diferencial em um “[...] ecossistema jornalístico regional dominado por notícias rasas e sensacionalistas”, como declara na sua plataforma.

A “Saiba Mais”, agência de jornalismo local independente fundada em 2017 em Natal (RN), aborda temas como política, saúde e meio ambiente com foco em



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Democracia, Direitos Humanos e Justiça Social. No recorte da nossa pesquisa, não foram encontradas fontes oficiais nas reportagens da agência. Em vez disso, 70% das fontes são especialistas e 30% são pessoas comuns. A ausência total de fontes oficiais e a limitada participação de fontes comuns comprometem a pluralidade e a diversidade de perspectivas, restringindo a capacidade da agência de oferecer uma cobertura completa e conectada com a realidade vivida pela população.

Com o objetivo de preencher lacunas noticiosas no sertão e agreste de Pernambuco, o “Coletivo Acauã” se dedica a fortalecer o jornalismo local e a oferecer uma cobertura alternativa. A atuação foca em municípios com pouca ou nenhuma cobertura, dando grande ênfase à cultura e às comunidades tradicionais da região. No atual recorte da pesquisa, 62,5% das fontes são pessoas comuns, 25% são especialistas e 12,5% são oficiais. Essa predominância de fontes comuns e a presença significativa de especialistas refletem a necessidade de uma abordagem próxima da realidade local e cultural. A hierarquização das fontes é bem ajustada, pois a forte presença de fontes comuns é fundamental para a cobertura de temas culturais de maneira mais autêntica e representativa.

Focado em narrativas sobre raça, gênero e Direitos Humanos, o portal “Afoitas”, de Pernambuco, surge com o objetivo de amplificar as vozes de populações negra, indígena e quilombola. Com 45,5% das suas fontes sendo comuns, 36,4% especialistas e 18,2% oficiais, o Afoitas demonstra seu compromisso em fornecer uma cobertura autêntica e profunda, de acordo com o *corpus* analisado. A predominância de fontes comuns reflete uma clara intenção de humanização, ao mesmo tempo que a presença de especialistas contribui para a profundidade das reportagens. A hierarquização de fontes alinha-se ao propósito do portal de promover justiça e igualdade de maneira eficaz e representativa.

Com um foco em jornalismo investigativo e temas socioambientais, a “Marco Zero Conteúdo”, de Recife (PE), se dedica a revelar relações de poder e questões muitas vezes ignoradas pela mídia tradicional. O uso predominante de fontes comuns (53,8%) e especialistas (26,9%) reflete uma conexão direta com a realidade das



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

comunidades que cobre. As fontes oficiais, em menor número (19,2%), por sua vez, são convocadas ao debate para tentar apresentar respostas às problemáticas centrais.

A “Agência Tatu”, especializada em Jornalismo de Dados, tem uma abordagem que prioriza a diversidade de fontes, com 54,2% de fontes comuns, 20,8% especialistas e 25% oficiais. A predominância de personagens do povo enriquece a perspectiva das reportagens, especialmente ao abordar temas relacionados à sociedade e ao cotidiano, enquanto as vozes especializadas ou ocupantes do poder oficial contribuem, respectivamente, com a análise e a tentativa de resposta das autoridades às problemáticas.

A “Agência Mangue de Jornalismo”, com sede em Aracaju, apresenta um perfil com 57,1% de suas fontes sendo oficiais, enquanto especialistas representam apenas 7,1% e fontes comuns somam 35,7%. Embora a agência se autodenomine uma defensora do jornalismo investigativo e plural, a alta concentração de fontes oficiais pode limitar a variedade de vozes e a profundidade das análises, prejudicando o seu compromisso com a pluralidade e a humanização. Essa disparidade entre a prática e a missão proposta pode enfraquecer sua capacidade de oferecer uma cobertura completa e crítica, crucial para fomentar um debate público verdadeiramente democrático e inclusivo.

4 Panorama geral: temáticas e fontes por estado no Nordeste

Apresentamos, a seguir, um refinamento da pesquisa quantitativa levando em conta o número de fontes comuns, especializadas e oficiais de cada estado, nas 13 mídias independentes voltadas à produção de reportagens com temáticas de direitos humanos daquela região, em um total de 43 matérias analisadas.

Com uma temática predominante voltada para as causas locais, sobretudo as de resistência e luta dos povos tradicionais, o jornalismo independente maranhense se destaca por uma forte presença de fontes populares em suas matérias. Com 61% das vozes pertencendo a essas comunidades, há uma significativa representatividade. No entanto, a presença de 20,3% de fontes oficiais, embora não excessiva, ainda



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

sugere um espaço considerável para as vozes institucionais. Especialistas, com 18,6%, poderiam ter uma participação mais ativa, contribuindo para complementar o saber popular com análises embasadas.

No Ceará, o jornalismo independente se destaca pela forte presença de fontes populares, com 67,6% das contribuições vindas diretamente das comunidades afetadas por desastres ambientais. Essa elevada proporção é um indicativo positivo, garantindo que as vozes locais, muitas vezes negligenciadas pela mídia hegemônica, tenham a devida atenção. A participação de 17,6% de especialistas oferece uma análise técnica importante, complementando o foco das reportagens e alinhando-se com o ideal de incluir uma quantidade significativa de especialistas. Contudo, a presença de 14,7% de fontes oficiais, embora relativamente baixa, deve ser observada com atenção para evitar que o poder institucional influencie excessivamente o conteúdo.

Assim como no Maranhão e no Ceará, o Piauí também trata de temas relevantes, mas de maneira distinta. Com 44% de especialistas, o foco está em análises detalhadas sobre os atentados aos direitos humanos. No entanto, a menor presença de fontes comuns (32%) e oficiais (24%) sugere um desequilíbrio, a partir do qual as análises dos especialistas podem sobrepor as experiências diretas das pessoas afetadas. Isso contrasta com a abordagem do Maranhão e do Ceará, estados nos quais as fontes comuns tiveram um papel mais proeminente, garantindo maior diversidade e inclusão nas reportagens. A predominância de especialistas no Piauí pode limitar a representatividade das vozes impactadas.

Já a Bahia, como uma cobertura predominante de desastres ambientais e direitos humanos, a mídia se destaca ao incluir 46% de fontes cotidianas, garantindo voz às pessoas diretamente afetadas. O percentual de especialistas, 26%, também contribui para uma análise detalhada dos temas. No entanto, o número de fontes oficiais, 28%, é relativamente alto e supera o de especialistas. Isso pode indicar uma tendência a priorizar as vozes do poder em detrimento das experiências e necessidades das populações afetadas. Reduzir a ênfase nas fontes oficiais poderia ajudar a melhorar o equilíbrio, oferecendo mais espaço às perspectivas das pessoas



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

diretamente envolvidas e aos profissionais especializados, que muitas vezes são aliados na luta por justiça e direitos.

Com uma mídia focada em temas culturais e comunidades tradicionais, o Rio Grande do Norte revela uma presença dominante de especialistas, com 70% das fontes, e apenas 30% de fontes comuns. A ausência total de fontes oficiais e a maior representação de especialistas em relação às fontes cotidianas fogem do propósito de oferecer uma alternativa às mídias hegemônicas. Essa configuração limita à inclusão de vozes diretamente afetadas e das autoridades locais, comprometendo a pluralidade e a diversidade de perspectivas, e restringe a capacidade de apresentar uma cobertura completa e conectada com a realidade vivida pela população.

Em Pernambuco, a mídia não-convencional foca em temas socioambientais, culturais e na educação, com uma predominância de 64,4% de fontes comuns. Essa alta proporção reflete bem a conexão com as comunidades tradicionais e questões sociais. No entanto, a baixa participação de especialistas, que representa apenas 15,6%, e a presença de 20% de fontes oficiais não são ideais. A falta de uma representação significativa de especialistas pode limitar a profundidade das análises, enquanto o número relativamente alto de vozes de autoridades oficiais reduz a capacidade de questionar e explorar criticamente as questões abordadas.

A cobertura sobre educação e questões cotidianas, no estado de Alagoas, destaca-se pela forte presença de especialistas (44,1%), oferecendo análises detalhadas e bem fundamentadas. No entanto, essa hierarquização excessiva em favor dos especialistas, combinada com 17,6% de fontes oficiais e 38,2% de fontes comuns, pode limitar a pluralidade da cobertura. A baixa participação das vozes comuns compromete a inclusão de perspectivas valiosas e reais do cotidiano. Ajustar essa hierarquização e dar mais espaço às fontes comuns ajudaria a refletir melhor a diversidade e a complexidade das questões abordadas.

Por fim, em Sergipe, a distribuição de fontes apresenta uma igualdade notável entre especialistas e fontes comuns, ambas com 27,8%, mas é a predominância de 44,4% de fontes oficiais que marca a análise. A intenção de equilibrar vozes é importante, mas a excessiva presença de fontes oficiais pode limitar a diversidade e a



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

riqueza das perspectivas oferecidas. Para que o jornalismo independente em Sergipe alcance seu pleno potencial, é crucial que haja uma hierarquização mais centrada nas experiências e narrativas locais. Isso ampliaria a representatividade e também fortaleceria a capacidade das mídias de captar e refletir a complexidade das questões sociais enfrentadas pela comunidade.

O jornalismo independente no Nordeste surge em resposta à concentração midiática nos grandes centros econômicos, como São Paulo e Rio de Janeiro, que tradicionalmente marginalizam as realidades periféricas. Essas mídias hegemônicas frequentemente ignoram ou “exotizam” as vozes das minorias e das comunidades tradicionais. Em contraste, as iniciativas independentes nordestinas surgem para desafiar esse padrão, dando voz às comunidades locais e suas lutas por direitos humanos e justiça social, aumentando a representatividade e a pluralidade nas coberturas jornalísticas.

Os dados dessa pesquisa indicam que o jornalismo independente no Nordeste tem conseguido atingir resultados promissores, com 53,4% de fontes comuns, 27,3% de especialistas e 22,9% de fontes oficiais. No entanto, ao analisar os estados isoladamente, algumas discrepâncias são evidentes. No Piauí e Rio Grande do Norte, a predominância de especialistas pode limitar a representatividade das vozes locais, enquanto na Bahia e Sergipe, a presença elevada de fontes oficiais pode enfraquecer a diversidade e reduzir o potencial crítico dessas reportagens.

Apesar dos avanços, enfrenta desafios significativos. A forma tradicional, que prioriza fontes institucionais e especializadas, está profundamente enraizada e dificulta a mudança. Resistir às pressões sociais e políticas, além das questões econômicas e de noticiabilidade, são obstáculos relevantes. A ausência de uma mídia independente voltada aos direitos humanos na Paraíba exemplifica a lacuna a ser preenchida. No entanto, no geral, as iniciativas independentes no Nordeste têm mostrado potencial para oferecer uma cobertura mais inclusiva e diversificada, desempenhando um papel crucial na descentralização da informação e na promoção da pluralidade de vozes.



5 Considerações finais

A pesquisa sobre posturas éticas, equilíbrio de fontes e humanização nas reportagens do jornalismo independente no Nordeste, que neste artigo foi apresentada em seu olhar quantitativo, revelou aspectos fundamentais para a prática jornalística, tanto em nível pessoal, quanto para o grupo de pesquisa e o cenário nacional.

Para mim, como futura jornalista, essa investigação trouxe uma compreensão aprofundada de como a humanização e o equilíbrio entre fontes orais e documentais são essenciais para a produção de reportagens que realmente narram e refletem as complexidades dos temas abordados. Minha postura acadêmica e (futura) profissional, se definem antes e depois desse estudo, por meio dessa nova perspectiva, já que passo a entender a relevância e necessidade de uma abordagem que respeite e valorize as experiências dos entrevistados. As práticas analisadas durante toda a pesquisa, destacam e reforçam esses conceitos e atitudes que proporcionam um jornalismo mais profundo e empático.

Os resultados obtidos evidenciam que o jornalismo independente no Nordeste se destaca por suas práticas éticas e pelo compromisso com uma cobertura mais equilibrada e sensível. As reportagens analisadas, como as da Agência Tambor e da Eco Nordeste, demonstram que a combinação de relatos pessoais e dados documentais enriquece a narrativa e oferece uma visão mais completa das questões sociais e ambientais. Esse equilíbrio é crucial para superar a superficialidade e a falta de profundidade, muitas vezes associadas aos grandes veículos de mídia, conforme discutido por Wolf (2003) sobre a noticiabilidade e a escolha dos temas.

Além disso, a pesquisa confirma a relevância da abordagem de Morais (2019), que defende um jornalismo de subjetividade que evita a espetacularização e o enquadramento exótico dos grupos sociais. Para o grupo de pesquisa Jornalismo de Fôlego, como pesquisadores, os achados demonstram a importância de explorar e valorizar as práticas do jornalismo independente com reportagens aprofundadas, que têm se mostrado fundamentais na promoção de uma cobertura mais justa e representativa. As matérias analisadas exemplificam como esses veículos desafiam as



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

normas estabelecidas pelos grandes meios de comunicação, oferecendo um modelo referência e demonstrando como é possível produzir e oferecer um jornalismo com equilíbrio e humanização, independente de entraves financeiros e editoriais, que enriquecem a narrativa jornalística.

Em termos de projeção nacional, a pesquisa ressalta o papel vital do jornalismo independente na promoção de uma mídia diversificada e inclusiva. A capacidade desses veículos de adotar práticas que respeitam as experiências dos sujeitos (fontes comuns) e evitam a espetacularização, reforça a necessidade de uma abordagem mais ética e responsável na cobertura de temas complexos. Esse estudo não apenas reafirma a importância dessas práticas, mas também destaca um modelo para o futuro do jornalismo, que deve valorizar a ética, a precisão e a empatia para garantir uma representação justa das realidades enfrentadas pelas comunidades marginalizadas.

Em síntese, a pesquisa confirma que o jornalismo independente no Nordeste tem desempenhado um papel crucial ao promover uma cobertura mais humana e equilibrada. Contribuindo não só para o campo acadêmico, que formam profissionais, mas, também reforça a importância de uma prática jornalística atual comprometida com a precisão e o respeito pelas experiências vividas, estabelecendo um modelo para o avanço do jornalismo no Nordeste e em todo o país.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marina. **Não mintam para nós**: público se une a jornalistas em busca da verdade. In: In: Tempestade perfeita: sete visões da crise do jornalismo profissional. Rio de Janeiro: História Real, 2021.

BRAUN, V., & CLARKE, V. (2006). **Using thematic analysis in psychology**. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

CAPOBIANCO, J. C. M. **O fazer jornalístico em transformação**. A produção da notícia em mídias independentes digitais. Tese, PPGCom, Unesp, São Bernardo do Campo (SP), 2019.

FIGARO, R., NONATO, C. (orgs.). **Arranjos jornalísticos independentes e alternativos no Brasil**: organização, sustentação e rotinas produtivas. São Paulo: ECA-USP, Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021.



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

GOSCH, Raisa Moreira. **O conceito de jornalismo independente no contexto dos nativos digitais brasileiros**. 2021. 88 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em jornalismo) - Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/223837>. Acesso em: 10 out. 2024.

IJUIM, J. K. **Humanização e desumanização no jornalismo**: algumas saídas. Revista Comunicação Midiática, Bauru, SP, v. 7, n. 2, p. 117–137, 2012. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/290>. Acesso em: 27 jun. 2024.

_____, J. K. **Por que humanizar o jornalismo (?)**. Revista Verso e Reverso, Florianópolis, v.31, n. 78, p. 235-243, 2017. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2017.31.78.07>. Acesso em: 27 jun. 2024.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

MEDINA, Cremilda. **Jornalismo e signo da relação**: a magia do cinema na roda do tempo. In: Revista Líbero. Ano X, n. 19, Jun. 2007.

_____, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 5. Ed. São Paulo: Ática, 2008.

_____, Cremilda. **Jornalismo e signo da relação**: a magia do cinema na roda do tempo. In: Revista Líbero. Ano X, n. 19, Jun. 2007.

MORAES, F. **Subjetividade**: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. Revista Extraprensa, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153247>. Acesso em: 02 jul. 2024

PATRÍCIO, E.; BATISTA, R. **Elementos de identidade em iniciativas de jornalismo independente**. Revista Extraprensa, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 217-231, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153326> Acesso em: 18 jul. 2024.

PÚBLICA. **Mapa do Jornalismo Independente**. Disponível em: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>. Acesso em: 2 mai. 2024.

SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

_____, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: Por que as notícias são como são. v. 1 e 2. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**: Estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli S. A., 1983.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1992.